

Nós, os palhaços,

RUBEM BRAGA

## OS PALHAÇOS

Os guarda-noturnos estão zangados porque seus apitos foram comparados às das panelas de pressão, e também porque há grupos de rapazes que quando eles apitam gritam — «goooooaa!».

É que quase não há mais folga para brincadeira no ambiente do Rio. O carioca, outrora alegre e gentil, virou grosseiro e irritadiço. Sai de casa pela manhã como quem sai para uma briga; mantém para com o colega de bonde, ônibus ou lotação, uma atitude de «neutralidade antipática»; e, para com o motorista ou cobrador, de «beligerância em potencial». Não cede o lugar a nenhuma senhora, e defende a tese de que todas as senhoras e senhoritas vão à cidade apenas para comprar um «carretel»; e quando cede lugar a uma dama bonita acha que adquiriu com isso o direito de ser louca e imediatamente amado pela mesma.

O «chauffeur» considera todo colega um «barbeiro» e todo pedestre um «débil mental com propensão ao suicídio». O «garçon» irrita-se porque o freguês tem a veledade de lhe pedir alguma coisa, e cada freguês acredita ter o privilégio natural de ser servido em primeiro lugar. Em resumo: o próximo a quem outrora chamávamos de «cavaleiro», é hoje um «palhaço».

Ainda ontem eu vinha para casa num táxi e este quase se chocou com um carro particular. Quase ao mesmo tempo vieram os dois gritos:

— Palhaço!

— Palhaço!

Confesso que eu mesmo, que não entrei na conversa, me senti também um pouco palhaço. Ou pelo menos um membro do circo — este vasto circo de neurastênicos...

18.1.58

PA 1966  
204

DN-17.9.66

10